

A contraface do mundo do trabalho: narrativas sobre vidas e direitos de pessoas em situação de rua na cidade de Goiânia

The other side of the world of work: narratives about lives and rights of homeless people in the city of Goiânia

La otra cara del mundo del trabajo: narraciones sobre las vidas y los derechos de las personas sin hogar en la ciudad de Goiânia

Ricardo Barbosa de LIMA¹

Lucas Sena de Souza DEMBOGURSKI²

Dijaci David de OLIVEIRA³

Resumo

Este texto procura desenvolver uma análise das narrativas de pessoas em situação de rua em Goiânia, capital do Estado de Goiás. Portanto, analisaremos a promessa de inclusão no contrato moderno via a educação para o trabalho abstrato. Para realizar esse trabalho tomamos com referência os dados do Censo e Perfil da População de Rua realizado em Goiânia (2015), mais particularmente, nove entrevistas sobre trajetórias de vida. A partir dos dados pudemos observar que os valores morais do trabalho são parte do universo das pessoas, contudo, o trabalho mudou e suas mudanças interferiram de forma radical a vida das pessoas. A ideia foi se aproximar dos processos primeiramente descritos como necessários à educação para o trabalho abstrato, para depois, buscar compreender, como ainda hoje, por meio de suas próprias narrativas, esses outros sujeitos, presentes nas sombras desses acontecimentos que deram forma ao mundo do trabalho moderno, e que povoaram as cidades e burgos europeus dos séculos XV ao XVIII, voltam a dominar a paisagem das áreas centrais das grandes cidades. Agora, esse sujeito, já disciplinado, vê-se, ao não participar do mundo do trabalho para qual foi educado, como um excluído da sociedade. O que era estranhamento e resistência, agora é desejo que não insiste em não se concretizar.

Palavras-chave: população em situação de rua, trabalho, direitos, educação

Resumen

Ese texto busca desarrollar un análisis de las narrativas de personas en situación de calle en Goiânia, capital de la provincia de Goiás. En ese sentido, analizamos la promesa de inclusión en contrato moderno por medio de la educación para el trabajo abstracto. Para

¹ Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG), pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos (NDH/PRPI) e do Núcleo de Estudos da Criminalidade e Violência (NECRIVI/FCS) e dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Interdisciplinar em Direitos Humanos. Goiânia, Goiás, Brasil. Email: ricardobl@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0819-620X>

² Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, Goiás, Brasil. Email: lucas.demb@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0463-6543>

³ Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS/UFG). Goiânia, Goiás, Brasil. Email: dijaci@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8975-2190>

realizar ese trabajo tomamos como referencia los datos del Censo y Perfil de la Personas en Situación de Calle realizado en Goiânia (2015), particularmente, nueve encuestas con respecto a trayectorias de vida. A partir de los datos pudimos observar que los valores morales del trabajo son parte del universo de las personas, en esa perspectiva, el trabajo cambió y sus cambios interfirieron de forma radical en la vida de las personas. La idea fue la de aproximarse de los procesos inicialmente descritos como necesarios a la educación para el trabajo abstracto, para después, buscar comprender, como aún hoy, por medio de sus propias narrativas, esos otros sujetos, presentes en las sombras de esos acontecimientos que dieron forma al mundo del trabajo moderno, y que poblaron las ciudades y burgos europeos de los siglos XV al XVIII, vuelven a dominar el paisaje de las áreas centrales de las grandes ciudades. Ahora, ese sujeto, ya disciplinado vese, al no participar del mundo del trabalho para el cual fue educado, como un excluído de la sociedad. Lo que era extraño y resistencia, ahora es deseo que no insiste en no concretizarse.

Palabras-chave: personas sin hogar, trabajo, derechos, educacion

Abstract

This text will seek to develop an analysis of the narratives of homeless people in Goiânia, capital of the state of Goiás. There fore, we will analyze the promise of inclusion in the modern contract via education for abstract work to perform this work. We take with reference the data of the Census and Profile of the Street Population conducted in Goiânia (2015), more particularly, nine interviews about life trajectories. From the data we could observe that the moral values of work are part of the people's universe , however, work has changed and its changes radically interfered with people's lives. The idea was to approach the processes first described as necessary for education for abstract work, and then seek to understand, as even today, through their own narratives, these other subjects, present in the shadows of these events that shaped the modern working world, which populated the cities and towns of Europe from the 15th to the 18th centuries, once again dominate the landscape of the central areas of large cities. Now, this disciplined subject sees himself, by not participating in the world of work for which he was raised, as one excluded from society. What was once strangeness and resistance is now a wish, which does insist on not happening.

Keywords: homeless, work, rights, education

Introdução

A legislação contra os vagabundos da Inglaterra dos séculos XVI e XVII aquela - como escreveu Marx - 'cruel legislação contra os expropriados', com a qual a sociedade organizada punia as suas vítimas, nós dá também uma certa medida das relações entre os propósitos da política e a realidade social, entre o desenvolvimento de uma determinada sociedade e o estado de sua consciência. (GEREMEK, 1995, p.155).

A história da luta contra a alienação ao mundo do trabalho abstrato, da resistência contra a coisificação da vida e das relações é tradicionalmente narrada pelas lutas pelo direito ao trabalho e pela história dos sindicatos e organizações operárias. Neste artigo, procuramos dar voz aos sujeitos que ficaram à margem desse processo, ou melhor, que resistiram e que foram expulsos desse mundo de promessas.

Para tanto, neste texto analisamos as narrativas de pessoas em situação de rua na capital do Estado de Goiás, Goiânia. A cidade figura como a décima maior cidade do país e, como todas as grandes cidades, figura como portal dos sonhos de muitas pessoas que buscam oportunidades de trabalho, de tratamento ou de reconstrução de seus projetos de vida.

Todavia, o acesso de pessoas aos serviços urbanos e, em particular, às promessas de oportunidades no mundo do trabalho tem passado por inúmeras modificações (DAL ROSSO, 2012) e elas se inscrevem diretamente nas relações sociais, no processo formativo, mas também nas oscilações da economia nacional, nos cenários políticos locais, estaduais, nacional e mesmo internacional (DAL ROSSO, 2017, PEREIRA; DELFINO; VILASBOAS, 2019).

Na primeira parte desse trabalho, discorremos sobre o processo de construção da pesquisa realizada, as características urbanas, geográficas da cidade e de nossas escolhas metodológicas, e expomos o percurso de construção do censo da população de rua, assim como nossa necessidade de imersão, por meio de pesquisa qualitativa, nas trajetórias de vida de algumas pessoas.

Na segunda parte, fazemos uma aproximação histórica sobre o sentido do mundo do trabalho para as relações sociais na sociedade moderna. Nesse sentido, recorremos a um historiador polonês, Bronislaw Geremek (1995) e sua obra *Os Filhos de Caim*. Nesse trabalho o autor traz uma descrição minuciosa de como o mundo dos vagabundos e miseráveis era representado na literatura europeia entre os anos de 1400 a 1700. Também descreve como a constituição da resistência ao mundo do trabalho abstrato, resultou em uma legislação que propunha a instituição da exclusão e da punição violenta. Se a nossa personagem, o indivíduo que estava sendo produzido, reincidisse na vagabundagem, a essa nova resistência punia-se com a eliminação física.

Na terceira parte destacamos as entrevistas com a população em situação de rua de Goiânia. Tentamos captar as perspectivas e modos de visão de mundo e da própria vida do indivíduo. Nesta etapa, buscamos compreender como se deram e se dão as

relações entre os indivíduos e suas famílias, educação, trabalho e vida em mendicância. Por fim, retomamos um pouco mais do debate teórico buscando compreender os processos de rupturas entre o imaginário do mundo moderno e as vidas das pessoas em situação de rua.

Mostramos, a partir de Michael Foucault (1988), que a elaboração de um saber sobre o indivíduo e sobre o seu corpo, esse processo social de educar para o mundo do trabalho, busca abandonar a forma estritamente punitiva e, tomando a forma de dispositivos, via a interiorização da disciplina, tem a inclusão como um prêmio. Para esse pensador, a exclusão temporária do transgressor passa a ter como princípio o reingresso de corpos dóceis em uma sociedade que tem o trabalho abstrato como um valor e um bem social desejável.

Um pouco sobre a metodologia do campo

Não há dados exatos sobre qual o número de pessoas que vivem nas ruas de Goiânia. No intervalo de 10 anos, pelo menos três grandes levantamentos foram realizados (BRASIL, 2009, NATALINO, 2016, OLIVEIRA; SANTIBANEZ, 2015). Os dados coletados pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) apresentaram informações sobre população de rua de 71 municípios, sendo 23 capitais e 48 municípios com população igual ou superior a 300 mil habitantes. Pelos dados do relatório do MDS, o Brasil, por estimativa, teria 31.922 pessoas em situação de rua (BRASIL, 2009) e, mais especificamente, Goiânia teria 563 pessoas em situação de rua (QUIROGA, 2010). Considerando a totalidade das regiões não abrangidas pela pesquisa, a estimativa era de que o Brasil possuía em torno de 50 mil pessoas em situação de rua. Apesar do esforço do MDS e do amplo levantamento, as críticas aos números destacam o fato de que pesquisas anteriores haviam contado um contingente bem além dos números apresentados pelo MDS. Por exemplo, a pesquisa Sociedade Cidadão 2000 (1996), utilizando o procedimento tipo *blitz* em contagem, realizada em um único dia do mês de junho, localizou 1118 crianças e adolescentes em situação de rua na Região Metropolitana de Goiânia (RMG).

A segunda pesquisa (NATALINO, 2016) analisou dados de 117 municípios informados no Censo do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), considerando as edições de 2013, 2014 e 2015. De outros 1807 municípios levantou a informação por meio próprio de equipe local e informou para o SUAS. No total foram coletados dados

de 1924 municípios, 69,2% da população brasileira. Pelas projeções de Natalino (2016), o Brasil teria 101.854 pessoas (estimativa), e em Goiânia a população de rua seria de 362 indivíduos. Embora trabalhando com um universo bem mais abrangente que a da pesquisa do MDS, a pesquisa patrocinada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) trouxe um universo ainda menor de população em situação de rua em Goiânia.

A última pesquisa foi realizada por Oliveira e Santibanez (2015), por meio de pesquisa censitária no município de Goiânia. A contagem encontrou 351 pessoas em situação de rua. É relevante destacar que esse levantamento foi realizado após a cidade ter vivenciado três anos consecutivos com um elevando índice de violência legal contra pessoas em situação de rua. Aproximadamente 61 pessoas em situação de rua foram mortas entre 2012 e 2015 (BORGES, 2016).

Evidentemente, tanto o contexto quanto os métodos forçosamente interferem para que se tenham números distintos. Todavia, se tomarmos as três pesquisas observamos mais proximidades que distâncias. Os números oscilam, mas estão relativamente próximos. O mais significativo nas três pesquisas relatadas está na percepção da permanência de um contingente de pessoas nas ruas, e que não são alcançadas pelas políticas de inserção social.

O presente trabalho analisa o contexto e os dados produzidos pela Pesquisa Censo e Perfil da População de Rua de Goiânia, realizada no ano de 2015 pelo Núcleo de Estudos sobre Criminalidade e Violência (NECRIVI), da Faculdade de Ciências Sociais (FCS/UFG) e coordenada pelos dois autores. Apesar do tempo decorrido, os dados da pesquisa qualitativa, além de serem os mais recentes, permaneceram inéditos e acreditamos que ainda são ricos para nos ajudar a pensar as políticas públicas e a garantia de direitos básicos para essa população.

A pesquisa foi estruturada em cinco frentes. Uma primeira foi responsável por realizar um censo e levantar um breve perfil das pessoas em situação de rua na capital. A segunda teve como objeto identificar o fluxo dessa população que era atendida pelas diferentes unidades de assistência social, Centros de Referência de Assistência Social (CRAS)⁴, Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS)⁵, Casa de Acolhida Cidadã e Complexo 24 horas, vinculados à Secretaria Municipal de

⁴ Ao todo havia 16 CRAS no município de Goiânia.

⁵ Havia cinco CREAS na cidade.

Assistência Social (SEMAS). Uma terceira frente discutiu a questão do uso e tráfico de entorpecentes, bem como as redes de relações sociais estabelecidas nesse cenário. E as duas últimas se preocuparam em identificar as trajetórias de vida de crianças, adolescentes e de adultos em situação de risco e vulnerabilidade, ou com vínculos familiares fragilizados ou rompidos, e que são/foram usuários ou não dos serviços oferecidos pela SEMAS.

Goiânia possui 789 km² e 1.466.105 habitantes. Portanto, dada a sua dimensão, foi preciso dividi-la estrategicamente em quinze sub-regiões, sendo cobertas por quinze equipes de, em média, quatro integrantes cada. Foi necessária, para a montagem da equipe, a convocação de grupos apoiadores, somando mais de cinquenta pessoas para a realização da pesquisa de campo. Vale assinalar que, embora a cidade seja extensa geograficamente, regiões não tinham população de rua, salvo um ou outro caso. Os trabalhos iniciaram-se logo pela manhã com a abordagem pelas ruas da capital, seguindo até o final do dia para a instituição de acolhimento, fazendo um movimento de busca de fora para dentro.

Além da contagem censitária, uma parte da pesquisa buscou aplicar entrevistas com várias pessoas da população de rua. O relato da experiência do trabalho de campo pode ser revelador para uma compreensão mais vertical sobre a realidade da população em situação de rua, em Goiânia. Sendo assim, expõem-se tanto os caminhos da pesquisa, quanto as cenas que demonstram as condições sociais às quais a população em situação de rua está exposta e as dificuldades para o enfrentamento de seus problemas.

A equipe de pesquisadores elaborou um roteiro de entrevista em profundidade para orientar os entrevistadores. Este roteiro foi construído de maneira a contemplar sete perspectivas que nos informassem não somente (i) um perfil básico dessa população, mas, também: (ii) suas trajetórias de vida, (iii) suas experiências na rua, (iv) as representações que fazem de si e das diferentes instituições (de assistência social e policiais, por exemplo) com as quais mantêm algum contato, (v) suas relações com os espaços onde vivem, (vi) suas experiências com o consumo e/ou tráfico de drogas e de violências e, por fim, (vii) seus projetos/planos para o futuro.

Para este artigo, tomamos como foco nove entrevistas com pessoas em situação de rua. Destas, cinco foram realizadas dentro da Casa de Acolhida Cidadã e quatro em

uma das principais ruas de Goiânia, a Avenida Goiás próximo à Av. Independência, no setor Central.

A seguir, em um recorrido histórico, mostramos como esses sujeitos que se recusaram a *jogar o jogo*, e resistiram a se alienar no mundo das mercadorias, recusando-se a se submeter ao processo de educação para o trabalho abstrato, pagaram o preço de serem excluídos e mesmo repugnados pela sociedade na qual tomaram forma.

A contra face do mundo do trabalho

A obra *Os Filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura europeia 1400-1700*, do historiador Bronislaw Geremek (1995), nos dá a dimensão de como se deu o processo de resistência ao mundo que se implantava com a desestruturação do mundo feudal. Ao recuperar a vasta literatura europeia sobre este assunto, Bronislaw Geremek (1995) nos traz vários exemplos de tentativas de controle social e de educação para o mundo do trabalho abstrato das massas humanas que transitavam entre a ruína do velho mundo e a construção do novo. Vejamos como Geremek (1995, p. 132) nos recorda a legislação inglesa:

- Estatuto de 1495: ordenava capturar os vagabundos e os preguiçosos, metê-los por três dias a pão e água e em seguida expulsá-los;
- Proclamação Real de 1530: mandava que os mendigos retornassem aos seus lugares de origem, sob pena de captura, tortura e expulsão;
- Estatuto de 1547: considerava todos indivíduos que ficassem sem emprego por 3 dias como vagabundo e preguiçoso. As penas seriam: ser marcados e entregues como escravos por 2 anos. A fuga ou recusa levaria à escravidão perpétua.
- Ato de 1572: mandava prender todos os indivíduos apanhados no ato da mendicância. Entendendo como mendigo todas as pessoas sãs e aptas para o trabalho, que não tivessem terra ou não fossem comerciantes, nem artesãos pertencentes à corporação, assim como operários que se recusassem a trabalhar pelo salário estipulado pelas autoridades.

A implementação destas e outras medidas estritamente punitivas, que incluíam a condenação à morte, não levaram todos à inserção na estrutura produtiva. O diagnóstico que ganharia destaque seria o de que “[...] a causa da miséria e da mendicância era a ociosidade, e por isso o remédio e a medicina para superá-las devia ser o seu oposto, isto é, o trabalho” (GEREMEK, 1995, p. 138). Mas, mesmo esse processo de reeducação pelo trabalho, não garantiu a adesão pacífica dos vagabundos,

que colocando a própria vida em risco, confessavam crimes para serem mandados para a prisão, evitando a inclusão via o trabalho forçado.

A própria literatura europeia desse período, segundo Geremek (1995), nos revela o esforço dessa sociedade em conhecer e compreender esse fenômeno. Por exemplo, *Os Miseráveis* de Victor Hugo (2011), descreve em suas minúcias do mundo dos vagabundos: a sua localização e quantificação, seus hábitos, sua linguagem, seus rituais de iniciação e graduação.

Muita coisa mudou dos tempos focados nas narrativas de Geremek (1995) e os tempos atuais. Contudo, ainda hoje, permanecem os sujeitos das ruas que vagam em busca de oportunidades e que continuam sendo vistos como problemas, seja pela sociedade, seja pelos gestores. Mais ainda, se naquele momento era permitido tomar esse processo como recusa/resistência ao brutal processo de educação para o trabalho abstrato, como poderíamos classificar a permanência desse fenômeno contemporaneamente?

A seguir, a partir das próprias narrativas desses sujeitos, buscamos elementos para responder a questão posta anteriormente.

A vida nas ruas de Goiânia

Para melhor compreender a vida de sujeitos em situação de rua, é necessário verificar suas trajetórias percorridas e as dinâmicas vivenciadas e ainda vividas por estes indivíduos. Assim, trabalhamos, nesta seção, marcadores que podem ser considerados como importantes para o desenvolvimento da vida do sujeito.

Assim, dividimos esta seção em três temas: infância e família, no qual abordamos questões de desenvolvimento familiar e como este grupo facilitou ou dificultou determinados fatores na vida do sujeito. Após, discorreremos acerca das relações de trabalho e educação e, por fim, suas experiências na Casa da Acolhida e assistência recebida.

Infância e Família

Conforme demonstra Caliman (2008), a família representa o primeiro e principal grupo de referência para a criança, é através deste que se aprende a como se comportar não só no seio familiar, mas também fora dele. As interações que a criança

tem com os adultos e crianças mais velhas exercem um duplo papel, tanto de criação de própria identidade, quanto de reprodução dos hábitos ensinados (BERGER; BERGER, 1998, TONDOWSKI et al., 2014), sejam eles positivos ou negativos.

Quando criada em um ambiente hostil, a criança tende a reproduzir este ambiente nos demais locais que frequenta ou reproduzi-los na fase adulta quando forma sua família, conforme pode ser verificado em uma das falas de Richard (2015):

Aos 13 anos de idade, minha mãe tava com um marido que bebia, agredia ela. Depois disso, eu passei a usar droga. Aí eu comecei a entrar pro mundo da criminalidade. Vender, usar droga. E até ser preso, aconteceu várias coisas.

Noutros casos, o status social da família também influencia na formação da identidade do jovem, sobretudo, quanto ao seu futuro profissional. As expectativas negativas que o jovem já tem em relação a seu futuro podem ser agravadas quando este leva em consideração as ocupações de seus pais, normalmente mal remuneradas e desqualificadas (ARPINI; QUINTANA, 2003). Em várias falas, se percebem as dificuldades econômicas que a família enfrentava e como esta influenciou na vida escolar e laboral dos entrevistados.

Eu fiquei mais meu pai. Meu pai foi pra roça. Eu saí de Brasília e fui pra roça [...] Na época que eu fui pra roça, eu tinha uns 13 anos. Fui criado na roça. [...] Sair da cidade e ir pra roça... fica meio perdido. Meu pai era aquele veião criado na roça [...] Minha infância, minha mesmo, só serviço. Antigamente tinha aquele negócio de soltar pipa, jogar bolinha. Eu não tive isso, não. Minha infância foi mais é serviço. (PAULO, 2015).

E eu agradeço muito a Deus por isso porque...é...hoje em dia eles tem aquele negócio de que lugar de criança é na escola, só que eu num tive infância, fui criado trabalhando e nem por isso virei bandido né. Então, graças a Deus eu tenho ir por essa razão, eu ando de cabeça erguida, nunca tive uma passagem pela polícia, num tenho processo, num tenho nada. (MANUEL, 2015).

Notem que o trabalho é um valor sempre presente. O processo de formação desses sujeitos se deu em contato com o mundo do trabalho. É digno de nota que, diferente do momento histórico analisado por Geremek (1995), aqui, já na socialização primária (na família), a educação e aceitação do trabalho está plenamente incorporada. A queixa aqui é o pouco espaço para os negócios da infância: as brincadeiras e os estudos.

A importância dada à vida laboral ainda em idade muito tenra instigará na formação da mentalidade do jovem e dos objetivos que devem ser alcançados, um processo que molda a identidade individual, conforme veremos a seguir.

Trabalho, Educação

O reconhecimento como trabalhador pode ser caracterizado como mecanismo de valorização do próprio ser e que motiva no prosseguimento daquilo que é ou do que se produz, causando uma sensação de bem-estar e construindo a identidade do indivíduo (BENDASSOLLI, 2012). O trabalho desenvolverá um papel importante nesta situação, através dele se tentará afastar da ideia de inutilidade (ARPINI; QUINTANA, 2003), e construirá a partir dele uma identidade que tenha reconhecimento tanto no campo familiar, quanto social e pessoal.⁶

Eu trabalho com artesanato e, também, lava jato... Eu tenho várias profissões, mas eu não gosto de falar.

O que você costuma fazer para ganhar algum dinheiro?

Sou tratorista, sou lanterneiro. Sou polidor, sou lavador de carro. Sou hippie, sou técnico de informática. Se eu começar a contar pra ti tudo, nós vamos longe (EVANDRO, 2015).

Daquela primeira vez o senhor trabalhou de...com ouro, com a venda de ouro não é? De plaqueiro. E agora o senhor...o senhor chegou ontem aqui em Goiânia?

Cheguei ontem. E hoje já tô começando...já fui lá peguei o serviço e vou começar amanhã.

Vai começar amanhã de... ?

Era pra começar hoje, mas aí ele falou: Não, deixa pra começar amanhã mesmo.

Plaqueiro que fala?

Não...é panfleteiro... [...] Que é pra clínica dentária. (MANUEL, 2015)

A minha esposa tá fazendo um bico. Não fichou ainda não, porque a moça falou que é 30 dias de experiência. E minha esposa tá ganhado 25 reais por dia. Aí, dá pra ser seiscentos e pouco por mês. Não dá nem pra gente ir embora. Porque a passagem é 375, cada uma (MARCOS AURÉLIO, 2015)

Eu trabalhei uns meses numa obra aqui. Sou ajudante de pedreiro. Aí eu trabalhei uns meses aqui... seis meses eu trabalhei na obra aqui.

⁶ O logro de um emprego, sobretudo nas cidades de grande porte como Goiânia, está correlacionado a uma série de requisitos que variam desde escolaridade, até porte de documentos e habilidades. Neste sentido, se faz evidente dois fatores analisados nos relatos estudados. O primeiro deste é o grau de escolaridade dos entrevistados que, exceto um deles, todos os demais não apresentam ensino fundamental completo, deixando-os fadados a cargos e empregos de baixa capacitação

Inclusive, eu tô até esperando acertar o meu tempo de serviço com eles lá, né. Pra mim pegar esse dinheiro, pra mim dá uma outra rodada no mundo.

Esses seis meses que você trabalhou de pedreiro foi aqui em Goiânia? Em Goiânia.

E a sua esposa tem atividade remunerada?

Ela trabalha com panfletagem. Ela trabalha numa clínica aqui embaixo. Aquela *Sorriso da minha vida*. Aqui em Goiânia. Ela chegou do serviço agorinha e até foi dormir. (PAULO, 2015).

O segundo fator analisado que mais influencia na busca do emprego é a cultura laboral de origem do entrevistado. Isso pode ser observado nas falas que seguem

Aí é ruim de emprego. Aí como eu vejo muito Globo Rural, eu mexo com ordenha, com gado... vacino, enxerto. Entendo disso tudo. Piloto trator e tudo. Aí falou que aqui é muito bom de serviço. Aí nós viemos pra cá, de Ataléia [MG] pra Goiânia [...]

E o senhor tá fazendo algum bico?

Não tô... Tô saindo todo dia e não encontrei. Porque eu não sei... [...]. Olha, serviços gerais. Ou, senão, em fazenda, como caseiro. Que é o que eu mais entendo, né? Eu piloto trator e tudo. Mas o problema é que lá não precisa de carteira. Aqui precisa. Eu tenho experiência... Qualquer trator Valmet, retro escavadeira [...] eu tenho experiência. Mas o problema é que o pessoal aqui... Que nem, eu cheguei numa tal de Mabel [fábrica de biscoitos], coisa assim, lá no tal do setor industrial. Aí lá tava precisando... Mas precisa da carteira e eu não tenho. Não tenho. E outra coisa, aqui em Goiânia é muito mais diferente do que de lá. Porque lá em Minas Gerais... Eu não sei se é porque eu me criei lá, nasci lá. Lá, se tem um serviço, as pessoas avisam. Aqui não. Aqui já é diferente. Aqui você tem que correr atrás mesmo. Isso que é nossa dificuldade. (MARCOS AURÉLIO, 2015)

Em algumas situações, o fato de não se conseguir emprego, nas narrativas aparece relacionado à criminalidade na cidade e perda de todos os bens.

Ai eu cheguei e desembarquei ai, eu sai lá de Palmas [Estado de Tocantins] 10 horas da noite e cheguei aqui 8 horas da manhã, ai não tinha passagem, só tinha passagem do dia seguinte. Ai eu fiquei ali na rodoviária, de lá pra cá, ai me roubaram tudo. Ai roubaram roupa, documento, tudo, tudo. Eu fiquei só com a roupa do corpo (MIGUEL, 2015).

Outro aspecto a ser levado em consideração são os fluxos migratórios, tão presentes nas narrativas dos entrevistados. Nelas a falta de oportunidade em seus locais de origem os obriga a ir a outros lugares em busca de empregos, mesmo que isso os leve a ir de cidade em cidade

E porque o senhor escolheu vir aqui pra Goiânia?

Porque um colega meu me disse o seguinte...porque lá tava ruim de serviço e ele disse: Olha pra você...como você tem problema de saúde, um lugar pra você viver melhor tem que ser Goiânia, porque Goiânia

you arruma de todo tipo de service que you puder, you arruma em Goiânia. (MARCOS AURÉLIO, 2015).

Com 16 anos o senhor foi pra Brasília?

Pra Brasília, assinei carteira com 16 anos, num registrava, mas de acordo com o aumento da idade permitiu que eu pudesse assinar carteira aos 16 anos né?! [...] De Brasília eu vim aqui em Goiânia.

Que ano que era?

Foi agora em dois mil e quatorze. Aí eu tive aqui...não, primeiro eu fui em Porto Seguro, passei um ano, não, foi em dois mil e treze, fui pra Porto Seguro, de Porto Seguro eu voltei já em dois mil e quatorze, passei um ano e dois meses lá aí voltei pra Brasília e de Brasília foi que eu vim pra aqui. (MANUEL, 2015).

Novamente, as narrativas afastam a população em situação de rua em Goiânia dos sujeitos descritos no período onde foram produzidos os primeiros trabalhadores modernos. Isto é, não se trata mais de uma formação inicial. Nossas personagens apresentam dupla, tripla qualificação: trabalhador rural, marceneiro, maquinista. Inclusive, a própria migração e a situação de rua são justificadas pela busca do trabalho.

O poder público e organismos de assistência reconhecem essa situação. O desafio das instituições é acolher, alimentar, dar acesso à assistência médica ou social e, se possível, encaminhar ao mundo do trabalho. Aliás, como veremos a seguir, as dificuldades de concretizar esse passo final, o emprego, é uma das principais queixas.

Casa da Acolhida e Assistência

Os indivíduos em situação de rua recebem assistência por parte de alguns organismos, sejam eles públicos ou ligados a determinadas entidades religiosas. Por parte do poder público, o auxílio é dado através da Casa da Acolhida, criada pelo governo municipal de Goiânia. Ela tem como objetivo oferecer abrigo às pessoas em situação de trânsito e pessoas que receberam alta hospitalar e não possuem vínculos familiares identificados no município. Parte das pessoas que frequenta a instituição é direcionada para a instituição por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), de Goiânia. Na Casa da Acolhida é oferecida alimentação, higiene pessoal, local para pernoitar e assistência psicossocial. Os serviços psicossociais oferecidos pela instituição estão relacionados a atendimentos psicológicos, orientação e encaminhamento ao mercado de trabalho. Entretanto, conforme apontado nas entrevistas, há dificuldade em conseguir empregos, mesmo com as tentativas.

Aqui eles arrumam um serviço pra gente.
Aqui na Casa de Acolhida?
Arruma.
Mas quem arruma?
A assistente social. Eles olham no jornal pra saber onde tá precisando. Eles passam pra você, aí você vai atrás. Têm muitas pessoas aí que não tá trabalhando porque não quer mesmo. Porque tá comendo do governo, né, e fica aí deitado. Tem muito solteiro aí embaixo que não quer trabalhar. Eu já tô agoniado de ficar aqui parado.
Então aqui na Casa de Acolhida a assistente social te atende, você fala mais ou menos no que o senhor gostaria de trabalhar...?
Isso, ela vai e arruma pra gente. (PAULO, 2015).

Alguns destes sujeitos são marcados pela violência familiar ao passo que outros são marcados pela falta de acesso à educação regular (70% têm no máximo o ensino fundamental completo). Neste último aspecto, percebe-se que a formação familiar do indivíduo influencia na construção de sua identidade e daquilo que o sujeito pode considerar como certo ou errado. Estes valores permanecerão na trajetória de vida dos indivíduos: valores como trabalho honesto e dedicação são ideias presentes em suas falas. Entretanto, a falta de acesso à educação ou outros meios de profissionalização mantém os indivíduos atrelados a trabalhos precários, adquirindo, assim, diversas profissões em ramos distintos em diversas cidades, vivendo e morando em diversos lugares, sejam casas, abrigos ou ruas. Também devemos destacar, embora não tenha transparecido nas falas, que grande parte dos entrevistados e do universo da população de rua em Goiânia é composta por negros (70,6%). Logo, não se poderia pensar no acesso ao processo produtivo desta comunidade sem considerar sua condição racial.

Na busca de emprego e melhores condições de vida, estes sujeitos se deslocam e até mesmo mudam-se de cidade em busca de melhorias, entretanto, enquanto isto, os sujeitos seguem vivendo em condições precárias.

Esse conjunto de narrativas nos mostrou que a prisão, penalidade preferencial das leis contra a vagabundagem do século XVI, não se constituiu num local seguro para o nosso anti-herói, pois também se reformou em Casa da Acolhida. Esta não é mais um dispositivo de punição, mas um conjunto de serviços focados na recuperação e realocação dos indivíduos já educados para o mundo do trabalho⁷.

⁷ Na pesquisa feita por meio de formulários houve muitas queixas contra o tratamento violento recebido dentro da Casa de Acolhida, em especial, por parte da Guarda Civil Metropolitana. (OLIVEIRA; SANTIBANEZ, 2015).

Na próxima parte, mostramos que a elaboração de um saber sobre o vagabundo, aliado à necessidade da produção de indivíduos adequados ao trabalho capitalista, nos levará a entender a passagem do mundo dos reformatórios/prisões ao mundo das casas de reintegração e acolhida.

A vez dos instrumentos disciplinares

Na parte anterior, procuramos mostrar que o processo de forjar o novo homem, educado para o trabalho abstrato, não conseguiu se manter exclusivamente baseado na repressão direta do Estado, da Lei ou do Código. Com esses instrumentos, a resistência sempre apareceu como possível e desejável: uma luta contra a alienação ao mundo de produção da mercadoria. A fabricação desse novo sujeito impôs transformar o poder punitivo e mutilador em um poder positivo, no sentido de um poder que aprimorasse e disciplinasse. Ou, em um sentido mais foucaultiano (1988), um poder que adestrasse e enquadrasse o homem, como indivíduos, no mundo da produtividade. Portanto, aumentando a utilidade econômica e diminuindo as resistências. É nesse sentido que os dispositivos de controle passam a ter como alvo o corpo humano.

Para os objetivos deste artigo será suficiente que pontuemos como a elaboração desses saberes, propiciou a criação de instrumentos disciplinares que produziram o homem, como um indivíduo adestrado e docilizado - alienados - ao mundo do trabalho capitalista. E, também, como esses instrumentos atuaram no enquadramento dos indivíduos que resistiram à inclusão no mercado. Isto é, como os instrumentos do martírio, do suplício e da punição, dão lugar a um poder positivo coercitivamente (FOUCAULT, 1988). Um poder incrustado nos corpos dos indivíduos no sentido de interiorização, que trabalha o reingresso e a inclusão não mais como punição ao indivíduo desviante, mas como prêmio à sua dedicação e disciplina produtiva.

Vejamos como a produção de um saber sobre o preso pode contribuir para a elaboração de instrumentos de controle e enquadramento social através da disciplina. A seguir, o regulamento redigido por Léon Faucher para a *Casa dos jovens detentos de Paris*.

Art. 17. O dia dos detentos começará às seis horas da manhã no inverno, às cinco horas no verão. O trabalho há de durar nove horas por dia em qualquer estação. Duas horas por dia serão consagradas ao ensino. O trabalho e o dia terminarão às nove horas no inverno, às oito horas no verão.

Art. 18. -- Levantar -- Ao primeiro rufar de tambor, os detentos devem levantar-se e vestir-se em silêncio, enquanto o vigia abre as portas das celas. Ao segundo rufar, devem estar de pé e fazer a cama. Ao terceiro põem-se em fila por ordem para irem à capela fazer a oração da manhã. Há cinco minutos de intervalo entre cada rufar.

Art. 19. -- A oração é feita pelo capelão e seguida de uma leitura moral ou religiosa. Esse exercício não deve durar mais de meia hora.

Art. 20. -- Trabalho -- Às cinco e quarenta e cinco no verão, às seis e quarenta e cinco no inverno, os detentos descem para o pátio onde devem lavar as mãos e rosto, e receber uma primeira distribuição de pão. Logo em seguida, formam-se por oficinas e vão ao trabalho, que deve começar às seis horas no verão e as sete horas no inverno.

Art. 21. -- Refeições -- Às dez horas os detentos deixam o trabalho para se dirigirem ao refeitório: lavam as mãos nos pátios e formam por divisão. Depois do almoço, recreio até às dez e quarenta.

Art. 22. -- Escola -- Às dez e quarenta, ao rufar do tambor, formam-se as filas, e todos entram na escola por divisões. a aula dura duas horas, empregadas alternadamente na leitura, no desenho linear e no cálculo.

Art. 23. -- Às doze horas e quarenta, os detentos deixam a escola por divisões e se dirigem aos seus pátios para o recreio. Às doze e cinquenta e cinco, ao rufar do tambor, entram em forma por oficinas.

Art. 24. -- À uma hora, os detentos devem estar nas oficinas: o trabalho vai até às quatro horas.

Art. 25. -- Às quatro horas, todos deixam as oficinas e vão aos pátios onde os detentos lavam as mãos e formam por divisões para o refeitório.

Art. 26. -- O jantar e o recreio que segue vão até às cinco horas: neste momento os detentos voltam às oficinas.

Art. 27. -- Às sete horas no verão, às oito horas no inverno termina o trabalho: faz-se uma última distribuição de pães nas oficinas. Uma leitura de um quarto de hora, tendo por objeto algumas noções instrutivas ou algum fato comovente, é feita por um detento ou algum vigia, seguida pela oração da noite.

Art. 28. -- Às sete e meia no verão e às oito e meia no inverno, devem os detentos estar nas celas depois de lavarem as mãos e feita a inspeção das vestes nos pátios; ao primeiro rufar de tambor, despir-se, e ao segundo, deitar-se na cama. Fecham-se as portas das celas e os vigias fazem a ronda nos corredores para verificarem a ordem e o silêncio. (FOUCAULT, 1988, p.12-13).

A sociedade disciplinar passa primeiramente a *localizar* os indivíduos distribuindo-os por um espaço fechado, hierarquizado, esquadrinhado, numerado e em fila. No caso dos sujeitos em situação de rua, o maior desafio das políticas é mapeá-los: onde estão, quantos são, de onde vieram, o que fazem, etc.? Mais, ainda, tratá-los, documentá-los e reinseri-los no mundo produtivo.

Em segundo lugar, passa a controlar o tempo, a regular os intervalos, a sincronizar as ações produzindo rapidez e eficácia, no sentido do desenvolvimento da

ação e não só dos resultados que produz. As Casas têm horário de comer, de receber os cuidados básicos, de requalificação profissional.

Em terceiro, instala a vigilância com a visibilidade total e continuada, um vigia que a tudo vê sem ser visto, que não está em outro lugar senão interiorizado no corpo do indivíduo como no *Panoptico* de Jeremy Bentham. Na Casa de Acolhida a interiorização dos cuidados de si sempre é tomada como um sinal de assimilação e recuperação. Por fim, quem vê registra continuamente para conhecer, vigia-se para produzir conhecimento: conhecer para gerar controle (FOUCAULT, 1988).

Com essa lente microscópica, usada por Foucault ao examinar a produção do saber sobre o preso no mundo das prisões, podemos voltar a olhar para o mundo da fábrica e, também, para o mundo da literatura sobre a mendicância.

Interessa-nos mostrar como a docilização dos corpos, via o adestramento disciplinar, busca fechar um ciclo do mesmo processo iniciado com a produção do trabalhador educado para o trabalho abstrato, qual seja: de produzir o indivíduo útil e produtivo tão necessário ao mundo industrial burguês. A linha de produção fabril, a jornada de trabalho, a adaptação ao tempo sincronizado da máquina, a bolha de vidro do gerente de produção, o livro de ocorrências, a localização e a contagem dos mendigos, a classificação de seus tipos, a preocupação com a higiene e as casas de reintegração (em Goiânia dá-se o nome de Casa da Acolhida), nos mostram paulatinamente que a fábrica e o reformatório vão deixando de trabalhar com mecanismos de coerção punitivos e externos e passam, cada vez mais, a controlar o tempo, corrigir a postura, distribuir e especializar as funções e tarefas, registrar os acontecimentos, limpar e acolher.

Recordando, primeiramente temos o camponês separado dos seus meios objetivos de produção, depois o trabalhador educado no processo de produção da mercadoria. O caminho da resistência o leva à exclusão social e esta ao reformatório e novamente ao mundo do trabalho, só que, agora, ao trabalho forçado. Uma nova resistência o conduzirá ao mundo das prisões e de lá a saída é a docilização útil e produtiva economicamente. Esse é o círculo virtuoso da propalada inclusão ao mundo do trabalho: um indivíduo, que não apenas teme os aparatos de repressão (a violência da Polícia Militar ou da Guarda Municipal), mas também que interioriza a vigilância continuada, disciplinada e produtiva.

A diferença entre esses dois processos descritos é que a coerção que era feita de fora sobre o indivíduo através do suplício e da punição, passa a funcionar interiorizada nos corpos dos indivíduos pelo adestramento disciplinar. Naquele primeiro momento, a inserção no mundo do trabalho aparece como punição ao ocioso, sendo que o Estado é que orienta essa ação. Já na descrição fornecida por Foucault, a inserção no mundo da sociedade industrial aparece como prêmio ao indivíduo enquadrado e adestrado pelo poder disciplinar. Como forma de atuação do poder, se desloca e diferencia da esfera macro do poder do Estado, mas que neste caso está a ele articulado se colocando indispensável, inclusive, para a sua sustentação e eficácia.

A leitura macro processual da resistência do trabalhador à educação para o trabalho abstrato (GEREMK, 1995), contraposta à lente microscópica da microfísica do poder foucaultiana só foi possível através de um corte arbitrário e transversal. O objetivo foi mostrar que o processo não foi pacífico e sem resistências e que demandou um esforço paralelo e articulado de geração de conhecimento sobre o corpo humano, na construção das técnicas e instrumentos disciplinares. Instrumentos que substituíram o suplício da Idade Média e a punição da fase de transição e instauraram a disciplina como porta de ingresso ao mundo burguês da divisão social do trabalho.

A história do poder disciplinar, esquematicamente remontada aqui como a história da produção de saber sobre o homem, seu corpo e seus atos, seguindo o caminho das prisões, hospícios e clínicas traçado por Foucault (1988), nos dá a oportunidade de opor historicamente as semelhanças deste processo com o processo de produção dos indivíduos para o mundo da Revolução Industrial, inclusive, porque narram processos que deram forma à mesma sociedade.

As forças do controle social, que procuravam inserir os indivíduos no mundo da divisão do trabalho, já não se esgotam nas leis contra a pobreza e a mendicância. O controle passa a funcionar introjetado no corpo dos indivíduos, que se movem por si próprios (agora uma população que migra em busca de novas oportunidades e que é apontada, vista e reconhecidas como a responsável pelo próprio fracasso), em busca da inserção social, via o mundo do trabalho, só que agora como prêmio, não mais como punição. Enfim, um sujeito que demanda e passa a desejar a sua inclusão no mundo do trabalho.

Contudo, aqui chegamos em uma encruzilhada. Como os dias de hoje comportam esse crescente leva de pessoas em situação de rua? Afinal, agora são sujeitos que buscam e pensam na sua identidade como um trabalhador.

Conclusão

As análises subjetivas são peças fundamentais para compreender os motivos que levaram algumas pessoas ou grupo de pessoas a viverem e experimentarem determinadas situações. Buscar uma compreensão dessas narrativas e tentar entender os nexos que ligam suas trajetórias com a história social pode ser um caminho importante para trazer à tona perspectivas que normalmente são ignoradas. Como se pode observar, as falas apontam para sonhos (busca de melhores condições de vida, de trabalho ou de saúde), narram sobre outros problemas sociais não resolvidos pelos governantes, como o desemprego, a violência, o acesso aos serviços de saúde, os custos de vida, porém, deixam transparecer que uma parcela significativa, com suas precárias condições sociais, faz suas próprias escolhas, ou melhor, na reiteração do desejo de inclusão. Os conflitos sociais estão nas entrelinhas, mas não estão evidentes. As políticas assistencialistas já não conseguem conter as novas levas de sujeitos em situação de rua. As quebras de contratos, as demissões injustas, o acesso diferenciado por conta da cor, as precárias possibilidades de ascensão social e a falta de escolaridade são temas que demandam uma sociedade civil mais organizada e que alcance também as pessoas em situação de rua.

Aqui, nos limites desse artigo, pudemos destacar pelas narrativas da população de rua, as dificuldades e os (des)caminhos em relação às promessas de inclusão ao mundo do trabalho. Se numa ponta do processo, os sujeitos aparecem livres da servidão e se transformam em trabalhadores e trabalhadoras no mundo da mercadoria (MARX, 1975, 1987), a resistência em participar desse mundo alienado, levará o campo, livre do feudo e de seu senhor, ao mundo da vagabundagem e do vigarista. Hoje, contudo, o leva ao mundo da exclusão social (BURSZTYN, 2000, MACIEL, 2009).

A ideia foi se aproximar dos processos primeiramente descritos como necessários à educação para o trabalho abstrato, para, depois, buscar compreender, como ainda hoje, por meio de suas próprias narrativas, esses outros sujeitos, presentes nas sombras desses acontecimentos que deram forma ao mundo do trabalho moderno, e

que povoaram as cidades e burgos europeus dos séculos XV ao XVIII, voltam a dominar a paisagem das áreas centrais das grandes cidades. Agora, esse sujeito, já disciplinado, se vê, ao não participar do mundo do trabalho para qual foi educado, como um excluído da sociedade. O que era estranhamento e resistência, agora é desejo que não insiste em não se concretizar.

Referências

ARPINI, D. M.; QUINTANA, A. M. Identidade, família e relações sociais em adolescentes de grupos populares. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 20, n. 1, p. 27-36, 2003

BENDASSOLLI, P. F. Psicologia do trabalho como psicologia da ação: o aporte das teorias da atividade. **Psico**. Natal, v. 43, n. 3, p. 341-349, jul./set., 2012

BURSZTYN, Marcel (Org). **No meio da rua**. Nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua**: aprendendo a contar. Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua. Brasília, DF: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

BORGES, Fernanda. **Goiânia teve 61 moradores de rua mortos em três anos, segundo UFG**. G1: Goiânia, 06 mar. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/03/goiania-teve-61-moradores-mortos-em-tres-anos-diz-pesquisa-da-ufg.html>. Acesso em: 07 out. 2019.

CALIMAN, Geraldo. **Paradigmas da exclusão social**. Brasília, DF: Universa, 2008.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **O ardil da flexibilidade**: os trabalhadores e a teoria do valor. São Paulo: Boitempo, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1988.

GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caim**: vagabundos e miseráveis na literatura europeia 1400-1700. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUGO, V. **Os miseráveis**. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

MACIEL, Maria Helena Ribeiro. Ajuste neoliberal e exclusão social no Brasil. In: **Exclusão, incluso e diversidade**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2009.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MARX, Karl. A produção social da consciência. In: IANNI, Octávio (org.). **Marx**. São Paulo: Ática, 1987. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

MENDES, Célia Regina Pessanha; HERR, João Fillipe. Vivência nas ruas, dependência de drogas e projeto de vida: um relato de experiência no CAPS-ad. **Revista Psicologia e Saúde**. Campo Grande, v. 6, n. 1, jan. /jun. 2014.

NATALINO, Marco Antonio Carvalho. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**. Texto para discussão do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, DF, Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

OLIVEIRA, Dijaci D.; SANTIBANEZ, Dione Antonio de Carvalho de Souza. **Censo e perfil da população em situação de rua na cidade de Goiânia**. Goiânia: Necrivi, 2015. Disponível em: <https://necrivi.cienciassociais.ufg.br/p/10101-relatorios-de-pesquisa>

PEREIRA DE SOUZA, T.; DELFINO, A.; PEREIRA DE OLIVEIRA VILASBOAS, J. Apresentação- Trabalho, diferenças e desigualdades. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 22, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/57950>

QUIROGA, Júnia. 1º Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. **Anais...Seminário Nacional sobre Direitos e Garantias da População em Situação de Rua**. Mesa: Perfil da População em Situação de Rua. Brasília, 30 nov. 2010.

SOCIEDADE CIDADÃO 2000. **Mapeamento/contagem de crianças e adolescentes em situação de rua da Região Metropolitana de Goiânia/GO**. Goiânia: Sociedade Cidadão 2000, 1996.

TONDOWSKI, Cláudia Silveira et al. Intergenerational patterns of family violence related to alcohol abuse: a genogram-based study. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto

Alegre, v. 27, n. 4, p. 806-814, dec., 2014. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722014000400806&lng=en&nrm=iso>.

Submetido em: 23/09/2019

Aceito em: 04/11/2019